


Desigualdades de renda, trabalho e educação deixam cicatrizes para o longo prazo

 valor.globo.com/brasil/noticia/2021/06/19/desigualdades-de-renda-trabalho-e-educacao-deixam-cicatrizes-para-o-longo-prazo.ghtml

Os impactos da covid-19 sobre a desigualdade, o emprego e a educação são outras facetas da agressividade de uma pandemia que já matou mais de 500 mil brasileiros. A taxa de desemprego bateu recorde de 14,7% no primeiro trimestre de 2021. Segundo o IBGE, todas as 351 mil pessoas que voltaram a buscar emprego entre janeiro e março não encontraram colocação. O índice de Gini, medida sobre a desigualdade de renda do trabalho, foi a 0,674 no período, o maior na série histórica calculada pelo Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV Social). Estudantes brasileiros podem ter uma perda de quase 8% na renda ao longo da vida caso as aulas perdidas só no ano passado não sejam compensadas, estima o Fundo Monetário Internacional (FMI).

As famílias mais pobres sofrem “por todos os lados”, segundo Naercio Menezes Filho, professor titular no Insper e professor associado da FEA-USP. “Elas estão morrendo mais, os filhos não estão aprendendo nas escolas, não tem emprego para os jovens. É uma situação crítica.”

No mercado de trabalho, o impacto da covid-19 foi imediato e atingiu, sobretudo, grupos que já eram mais vulneráveis, como mulheres, jovens e pessoas de menor escolaridade, aponta Gabriel Ulyssea, professor da University College London (UCL). A recuperação da atividade surpreende para cima, mas também ocorre sobre uma base muito baixa de comparação, o que ajuda a deixar as projeções mais vistosas. Ainda assim, diz Ulyssea, tem chamado a atenção uma lentidão um pouco maior para a reação do emprego. “Acho que uma questão importante é que a crise não acabou, pelo contrário. É uma crise econômica intimamente ligada a uma sanitária. Se não há resposta adequada do ponto de vista da saúde, a crise econômica não está resolvida.”

Para Ulyssea, não há dúvidas de que, se o Brasil tivesse apresentado uma boa reação à pandemia, o país estaria em outra posição para promover essa recuperação. “O Brasil tinha todas as condições de ter um processo muito rápido de vacinação, tem a estrutura do SUS [Sistema Único de Saúde], tem expertise, tem condições de receber vacinas de fora e de produzir, como agora. Isso já teria colocado a economia em outro rumo”, afirma.

Alguns aspectos a respeito da herança que a crise trará para o mercado de trabalho já começam a ficar mais claros, segundo o professor. Um deles é que o teletrabalho, ao menos para certas ocupações — tipicamente, aquelas de maior qualificação —, veio para ficar, ainda que em um modelo híbrido. A produção e o consumo à distância, porém, têm um duplo efeito sobre os trabalhadores menos qualificados, segundo Naercio. “Eles não conseguem produzir de casa porque, muitas vezes, não têm tecnologia para isso. E também não há demanda para quem está empregado em lojas, restaurantes, porque menos gente sai para trabalhar, circula nos shoppings. Então, eles sofrem por não poder trabalhar de casa e por não ter emprego na rua.”

Certas atividades que exigem maior interação social, como aquelas ligadas a lazer e cultura, devem retornar com o controle da pandemia, projeta Naercio. “Mas acho difícil voltar tudo. Parte das pessoas vai se acostumar a fazer as coisas à distância. Só que essas pessoas, que têm mais dinheiro, são responsáveis por girar muito a economia.” É possível, segundo ele, que a taxa de desemprego brasileira passe a ser estruturalmente maior. Talvez, segundo o economista, o tempo de um desemprego de 6% ou 7% tenha passado.

Outra evidência apontada por Ulyssea, da UCL, é que a pandemia induziu a saída do mercado de empresas de menor porte e menos produtivas. “Isso é ruim por um lado, porque diminui o número de postos de trabalho disponíveis, mas, por outro, mecanicamente, a produtividade média aumenta”. Sobre o capital humano — conjunto de competências, conhecimentos e habilidades adquiridas pelo indivíduo —, porém, o economista diz ser difícil imaginar efeitos positivos.

“Primeiro, porque as saúdes física e mental das pessoas foram muito negativamente afetadas e esses são componentes importantes para o aprendizado e a acumulação de capital humano no trabalho, na escola, tanto para a produtividade presente quanto para a futura”, explica.

Além disso, há o desarranjo no sistema educacional. A expectativa era que as escolas pudessem retomar neste ano, mas, até o momento, “ainda está um abre e fecha”, diz Naercio, do Insper. “Caminha para um segundo ano de fechamento de escolas e com prejuízos incalculáveis de aprendizado”, afirma ele, destacando o caso de crianças com seis ou sete anos em 2020 que só vão começar a ler aos oito anos. “É um atraso enorme que vai impactar todo o desempenho da criança. A leitura e a escrita são a base de tudo. Vai ser difícil fazer essas crianças aprenderem qualquer coisa.”

Quem conseguiu lidar melhor com o ensino remoto, em geral, foram as escolas privadas e, tipicamente, famílias mais ricas, capazes de oferecer às crianças mais infraestrutura e suporte no aprendizado. E, mesmo quando foi possível um ensino remoto adequado, a qualidade não é a mesma do presencial, pondera Ulyssea.

Os efeitos no longo prazo, portanto, se dão tanto no nível geral de qualidade do capital humano gerado quanto no aumento das desigualdades. “Parcela da força de trabalho futura — as crianças e adolescentes que deveriam estar se educando — teve o processo formativo muito prejudicado. Isso não está bem resolvido e foi uma dimensão ativamente ignorada pelo governo federal”, afirma o economista.